

CONTRIBUIÇÕES DOS PRINCÍPIOS CRISTÃOS NA ANDRAGOGIA

Paula da Silva Borges (IC)

Prof. Dr. Ítalo Francisco Curcio (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

É fato comprovado que o ensino formal contemporâneo, de maneira geral, no mundo e especialmente no Brasil, é insuficiente para formar indivíduos prontos para viver em sociedade como cidadão pleno, incluindo sua situação familiar, religiosa e profissional. Acrescentando-se a isso a atual descaracterização da família tradicional, surgem, conseqüentemente, conflitos éticos em diferentes circunstâncias, que contribuem com o aumento de problemas de natureza socioeconômica. Nesse contexto, o presente trabalho mostra a Contribuição dos Princípios Cristãos, particularmente na Andragogia, na perspectiva de mitigar os efeitos ruins desta realidade, sobretudo para pessoas de maior idade. Demonstrou-se que o conteúdo da Bíblia Sagrada pode contribuir para a educação saudável de um indivíduo, servindo como norteador, desde sua mais tenra idade, resultando em incontáveis benefícios, quando chegar à maior idade. Para disso, buscou-se embasamento teórico e metodológico com pesquisadores marcantes, como Lawrence Richards, Malcolm Knowles e John A. Mackay, dentre outros. No todo, o objetivo do trabalho foi o de demonstrar que os Princípios Cristãos podem contribuir para a formação plena de um indivíduo. Não obstante a reconhecida relevância do estudo clássico da Pedagogia, Filosofia, Antropologia, Psicologia, Sociologia e Teologia, mostrou-se que estas áreas do conhecimento podem ser muito mais profícuas se forem estudadas à luz da Palavra Deus. Pautado na Ética Cristã, de acordo com as Escrituras Sagradas, devidamente assimiladas pelo ser humano ao longo da vida, ao chegar em sua idade mais avançada, ele se impacta, quando percebe que o Criador lhe concedeu uma vida plena, abundante, de forma indescritível e que praticamente nada, fora desse contexto, poderia satisfazê-lo de mesma forma.

Palavras-Chaves: Ensino, Andragogia, Educação

ABSTRACT

It is a proven fact that, nowadays, formal education in Brazil is insufficient to train individuals ready to live in society as a full citizen, including their family, religious and professional situation. Adding to this the current mischaracterization of the traditional family, there are,

consequently, ethical conflicts in different circumstances, which contribute to the increase of problems of a socioeconomic nature. In this context, this work shows the Contribution of Christian Principles, particularly in Andragogy, in the perspective of mitigating the bad effects of this reality, especially for older people. It has been shown that the Holy Bible can contribute to the healthy education of an individual, serving as a guide from an early age, resulting in countless benefits when he reaches adulthood. For this, a theoretical and methodological basis was sought with outstanding researchers, such as Lawrence Richards, Malcolm Knowles and John A. Mackay, among others. Overall, the objective of the work was to demonstrate that Christian Principles can contribute to the full formation of an individual. Despite the recognized relevance of the classical study of Pedagogy, Philosophy, Anthropology, Psychology, Sociology and Theology, it has been shown that these areas of knowledge can be much more fruitful if they are studied in the light of the Word of God. Based on Christian Ethics, according to the Holy Scriptures, properly assimilated by the human being throughout life, when he reaches his most advanced age, he is impacted when he realizes that the Creator has granted him a full, abundant life, in an indescribable way and that nothing outside that context could satisfy him in the same way.

Keywords: Teaching, Andragogy, Education

INTRODUÇÃO

paidagōgía

Pedagogia é um vocábulo de origem grega, *Paidagogia* – παιδαγωγέω, que pode ser entendido como a ação do Pedagogo, o qual remete a uma prática social na antiga Grécia, referente à condução de crianças.

Pedagogo, em grego *Paidagōgós* – παιδαγωγός, é a combinação de dois outros vocábulos, *Paidiôn* – παιδίον, que significa “Criança” e *Agogós* - άγωγός, que significa “Condutor”. Pedagogo, portanto, significa literalmente “Condutor de Criança”, uma atividade exercida por certos escravos, na Antiga Grécia, incumbidos de levar as crianças aos locais de atividades de aprendizagem, ou às então denominadas Palestras.

Não obstante o fato de se poder considerar, à primeira vista, Pedagogia como sinônimo da palavra de origem latina, Educação, com a evolução de seus respectivos significados, ao longo da história, estes vocábulos passaram a ter significados peculiares. Hoje, o significado de Educação remete à formação plena do ser humano e o de Pedagogia, a uma ação maior, consolidada como área do conhecimento, que compreende a Educação como objeto de estudo.

Considerando-se que tanto Pedagogia, quanto Educação, independentemente dos pormenores citados anteriormente, são ações que têm como alvo o ser humano e que este, por sua vez, está em constante evolução, desde seu primeiro instante de vida até sua morte, alguns pesquisadores das áreas compreendidas em sua formação, defendem a ideia de que esta deve ser feita de forma mais segmentada, como Educação Infantil, Educação de Adolescentes, de Adultos e de Idosos.

Destaca-se que no Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 8069/90) e o Estatuto do Idoso (E.I – Lei 10741/03), com base nas definições da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), considera-se Criança o ser humano desde seu nascimento até 12 anos incompletos, como Adolescente, de 12 anos completos a 18 anos incompletos, adulto, a partir dos 18 anos e idoso, a partir dos 60 anos.

Porém, quanto às especificidades de métodos e estratégias de Ensino, verifica-se que, embora se conheçam trabalhos direcionados para a Educação de Adultos e de Idosos, as obras, como livros, artigos e Teses publicadas por especialistas em Pedagogia, se referem muito mais à Infância e Adolescência, do que aos Adultos e Idosos.

Knowles (2009) mostra que este fato é desconfortável e tem trazido problemas e

preocupação a certos educadores, pois grande parte dos adultos tem sido ensinada como criança.

Devido a isto, surgiu paulatinamente outra área do conhecimento fundamentada no estudo da Educação com a especificidade para pessoas de maior idade, ou seja, o que tem como público alvo o ser humano adulto.

Esta nova área do conhecimento se denomina Andragogia e enfatiza as características do adulto, diferentemente da Pedagogia que, apesar de trabalhar com conceitos universais inerentes à Educação, é dirigida predominantemente à criança e ao adolescente.

Para se entender a Andragogia, pode-se partir inicialmente com a mesma estratégia utilizada para a interpretação da Pedagogia, que foi uma reflexão sobre sua etimologia.

A palavra Andragogia, diferentemente de Pedagogia, não existia no grego, caracterizando-se, deste modo, como um neologismo que, de certo modo, já foi assimilado e que vem sendo utilizado por diversos autores.

Este neologismo baseou-se numa combinação de dois vocábulos também gregos, *Andros* – androz, que significa “homem” (adulto), e *Agogós* – ἀγωγός, que significa “Condutor”.

Nesse aspecto, portanto, entende-se literalmente Andragogia como “Condução de Adultos” ou, atualizando-se seu significado, como “Educação de Adultos”.

Embora relativamente recente, a Andragogia se mostra muito atraente a diversos pesquisadores, pois, além da evidência da necessidade de se ter um tratamento específico na Educação do Adulto, em face de características específicas nesta faixa etária do ser humano, cada vez mais, os sistemas de ensino têm oferecido várias oportunidades para o estudo de temas nas diferentes áreas do conhecimento.

Em nível de Brasil, por exemplo, pode-se destacar, dentre outras ações, a denominada Educação de Jovens e Adultos – EJA, prevista na legislação citada anteriormente e que, apesar de a denominação conter a palavra jovem, é atualmente demandada predominantemente por adultos.

Além disto, diversas instituições, de Ensino Técnico Profissionalizante e mesmo Universidades, têm oferecido vários cursos de formação, como também de capacitação ou de lazer e todas requerem métodos e estratégias adequadas ao Processo Ensino-Aprendizagem para adultos. Daí a necessidade da Andragogia.

Segundo Beck (2015), o primeiro registro conhecido do termo Andragogia tem como autor o pesquisador alemão Alexander Kapp (1799 – 1869), que o teria utilizado em sua obra intitulada *Platon's Erziehungslehre* – Ideias Educacionais de Platão. De acordo com Beck

(2015), Kapp menciona em sua obra que o homem tem necessidade de continuar aprendendo ao longo da vida e não somente na infância e adolescência. Por isso, a importância de se pensar especificamente num processo educacional para adultos.

O presente trabalho, porém, não se caracteriza como um estudo superficial da Andragogia, limitado ao seu significado e objetivos, mas, como um estudo de necessidades específicas que tanto educador, quanto educando, possuem, e que precisam ser supridas para se lograr o êxito desejado. Além disso, aborda contribuições que o conhecimento de princípios e valores trazem ao tema.

Diante da constante evolução da sociedade, diferentes demandas se apresentam, em todas as idades do ser humano, porém, para se manter uma identidade, seja ela, por exemplo, de caráter profissional, social ou religioso, princípios e valores, inerentes a cada uma destas categorias, devem ser preservados e reiterados às gerações subsequentes.

A preservação da identidade caracteriza uma cultura, por isso, considerou-se importante no presente trabalho o respeito a princípios e valores durante o processo educativo em todas as idades de um indivíduo.

Segundo Piaget (1982), o processo de aprendizagem do ser humano se dá ao longo da vida e os intervalos de tempo de desenvolvimento cognitivo designam unidades, subdivididas em estágios, que não possuem rigorosamente data de início e de fim. Esta interpretação é corroborada também por outros teóricos consagrados, como Lev Vygotsky (1896 – 1934), Henri Wallon (1879 – 1962) e Erik Erikson (1902 – 1994).

Considerando-se por base esse pressuposto, reitera-se a importância de se ter métodos e estratégias de ensino adequados ao adulto. Métodos e estratégias estas que devem levar em consideração a cultura do indivíduo, a qual inclui sua identidade, em cada categoria, como citado anteriormente.

Dentre estes princípios e valores, o presente trabalho destaca a importância dos Princípios e Valores Cristãos no processo educativo, independentemente da defesa de uma fé religiosa ou suposta ação proselitista.

Numa nação laica, como a brasileira, a escolha e adoção de uma religião é prerrogativa do cidadão, porém, mesmo sem considerar especificamente uma doutrina, a nação possui sua própria cultura, devido a experiências legadas de gerações anteriores, que resultaram em normas de conduta e na elaboração de leis estabelecedoras da ordem e da disciplina de seus cidadãos.

Independentemente da fé religiosa que certo cidadão professe, verifica-se que a nação brasileira, em particular, possui uma cultura fortemente influenciada por princípios e valores

referentes ao Cristianismo e que estes são defendidos e praticados mesmo por pessoas que não assumem publicamente esta religião.

O presente trabalho contempla exatamente as contribuições que estes princípios e valores cristãos trazem na educação de um indivíduo, com especial destaque para a idade adulta, ou seja, contribuições na Andragogia.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho, seja no âmbito da pesquisa, quanto no desenvolvimento do material didático-pedagógico a ser produzido, teve como referência teórica autores clássicos, largamente utilizados na contemporaneidade.

Devido aos objetivos estabelecidos, torna-se importante reiterar modelos estudados ainda hoje na formação de professores, para que se possa entender as causas do problema destacado no presente projeto.

Autores como, Zezina Soares, por exemplo, são muitas vezes vistos como ícones na formação de professores e educadores em diferentes cursos de formação de pedagogos.

Enquanto isso, Lawrence Richards, Malcolm Knowle, John A. Mackay, a Bíblia Sagrada, raramente compõem a bibliografia desses cursos.

Diante disto, o presente trabalho baseou-se na leitura e análise destes autores, por meio da qual se apresentaram de forma pormenorizada suas visões e respectivos modelos defendidos.

O resultado mostra não só uma contemplação, mas, uma adoção e, em alguns casos, até a rejeição de alguns princípios e valores defendidos por estes autores.

Segundo Richards (1980), a Educação de um modo geral se preocupa em fazer com que os alunos saibam o que os seus professores saibam, porém quando se tem uma Educação Plena, ou seja, juntar seus conhecimentos mais um modo de vida irrepreensível, ajuda os alunos a se tornarem o que os professores são

Eu posso ensinar você como saber. Mas como vou ensiná-lo a viver? Temos técnicas firmes quanto ao ensino de conhecimento. Mas como edificarmos pessoas na vida de Cristo? Como chegamos à personalidade como um todo, libertando-a e ajudando o seu crescimento? Jesus nos fornece o ponto de partida escolhendo doze homens “para estarem com ele” (Marcos 3.14). E suas palavras em Lucas 6.40 completam nossa compreensão: “Todo aquele que for bem treinado será como seu mestre”. (RICHARDS, 1980).

Como já mencionado anteriormente, a formação de adultos, é diferente da infantil,

pois, conforme Knowles (2009), ensinar adultos requer novos métodos e novos incentivos para que a aprendizagem seja eficaz.

A educação de adultos é uma tentativa de descobrir um novo método e criar novo incentivo para a aprendizagem; suas implicações são qualitativas, não quantitativas. Os aprendizes adultos são extremamente aqueles cujas ambições intelectuais são menos propensas a serem estimuladas pelas exigências rígidas e inflexíveis das instruções autoritárias e convencionais da aprendizagem (KNOWLES, p. 27,28)

Quando um adulto decide frequentar uma escola, matricular-se num curso, para determinado estudo, ele tem em mente sua vida pregressa e objetivos para o futuro boa parte visa o mercado de trabalho que a cada ano se torna mais exigente. A autonomia do adulto faz com que ele seja capaz de escolher para onde quer ir, ou para que quer aprender. De acordo com Bellan (2005), a Andragogia deve salientar mais em como ensinar do que no próprio conteúdo: “Para a Andragogia, o ensino de adultos precisa focalizar muito mais o processo do que o conteúdo que está sendo ensinado”. (BELLAN, 2005, p. 10)

METODOLOGIA

Diante da especificidade do presente trabalho, a de pesquisar as características do ser humano na idade adulta concernentes ao seu comportamento, no âmbito de seu relacionamento social, relacionamento profissional, relacionamento na Igreja e relacionamento na Universidade, quando for o caso, para a elaboração de material de natureza didático-pedagógico destinado à Educação de Adultos, alinhado aos modelos estudados na contemporaneidade em Andragogia, foi necessário iniciar por uma rica pesquisa bibliográfica.

Assim, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, exploratória, em livros de Educação destinados à aprendizagem de adultos, com o objetivo de analisar os Princípios Cristãos na Andragogia. Esta pesquisa foi devidamente acompanhada de fichamento e análise.

Com o conhecimento mais acurado sobre o tema e os objetivos específicos, como o de fazer uma comparação entre o comportamento apurado na pesquisa e o comportamento delineado na Bíblia Sagrada, com ênfase nas orientações constantes em sua segunda parte, denominada Novo Testamento, destacaram-se os pontos comuns entre as duas informações, bem como as divergências, com especial menção de alguns antagonismos.

Com base nestas informações e de registros contemporâneos genéricos, advindos de elementos específicos de diferentes instituições sociais, acerca de comportamentos anômalos, largamente veiculados pelas mídias, apontou-se a relevante contribuição dos

princípios e valores do Cristianismo na Formação Básica da criança, como futuro cidadão, e na sua Educação Continuada, quando atingir a idade adulta.

Outro produto da pesquisa, inicialmente colocado como mais um objetivo específico, foi o desenvolvimento do material didático-pedagógico para a Educação de Adultos, mediante os preceitos da Andragogia, na área das Ciências Sociais, com ênfase nas Ciências Políticas.

Destaca-se, porém, que parte da pesquisa de campo, exploratória e descritiva, prevista no projeto, foi prejudicada pelas circunstâncias da época, com os efeitos da Pandemia da Covid-19, limitando-a à aplicação de questionários, com respectiva devolutiva, por meio de ferramenta compartilhada pela Internet.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Tanto por meio da pesquisa bibliográfica, como pela de campo, apesar de não ter sido lograda a contento, conforme previsto no projeto, verificou-se a necessidade de se compreender que a Pedagogia, por tratar mais especificamente do ser humano na infância e adolescência, tem como uma de suas principais finalidades outorgar ao professor competência e habilidade suficiente para decidir sobre a forma de desenvolver o conteúdo da aprendizagem, com métodos de ensino, avaliações e cronograma factível, para que o aluno desempenhe seu papel de aprendiz com grande proveito, com o objetivo de se construir um cidadão pleno, independentemente da aceitação ou não deste conteúdo, por parte da criança ou adolescente. Em contrapartida, a Andragogia, que possui sua especificidade na educação do adulto, se fundamenta, sobretudo, no preceito de mostrar aos alunos o porquê da necessidade de terem de aprender algo, mesmo considerando seu cabedal de conhecimentos.

Os adultos têm a responsabilidade por suas próprias decisões e por sua vida; os adultos entram na atividade educacional com mais conhecimentos e experiência do que a criança; os adultos são geralmente mais proativos na aprendizagem de novos assuntos que precisam saber para enfrentar com mais naturalidade uma situação do dia a dia; os adultos são centrados na vida em sua orientação de aprendizagem e os adultos respondem melhor do que a criança aos motivadores internos do que externos. (KNOWLES, 2009, p.78).

De acordo com Knowles (2009), “a Pedagogia é um modelo ideológico, que exclui as hipóteses andragógicas”. Já o modelo Andragógico “é o sistema de hipótese que inclui as hipóteses pedagógicas”. Knowles (2009) afirma ainda, que o modelo Andragógico não é uma ideologia, um sistema de ideias e sim um sistema de grupo de hipótese alternativa, um modelo transacional que dialoga com as características de situação de aprendizagem, ou seja, no caso particular da alfabetização de adultos, por exemplo, é preciso sentir primeiro a real

necessidade e disposição do aluno em aprender, assim ele terá maior facilidade em sua trajetória de novos conhecimentos.

Quanto ao Ensino e Educação, ratificou-se que são dois conceitos importantes na formação do ser humano, que às vezes são confundidos entre si, e quando não, em outras situações, são entendidos inclusive como sinônimos. Esta dúvida pode até ser aceita com certa parcimônia e tolerância, quando apresentada por leigos no assunto, porém, considera-se inadmissível entre especialistas no tema Educação. Ensino e Educação são conceitos distintos.

A partir desta afirmação, salienta-se que, no estudo destes conceitos, mais do que tratar de sua importância na formação de um cidadão, deve-se trabalhar para que os mesmos sejam bem assimilados, por isso, cabe uma breve reflexão a seu respeito.

O verbo Ensinar, do Latim, *insignare*, significa literalmente, “dar o sinal”, “orientar”, “apontar para um sentido”, enquanto o verbo Educar, também do Latim, *educare*, resulta de uma combinação do verbo *Ducere*, que significa “levar” ou “conduzir”, mais o prefixo *E*, que significa “para fora”. Assim, o verbo Educar, em português, pode ser entendido, a partir de sua origem, como “Levar ou Conduzir para Fora” ou “Levar ou Conduzir para o Mundo”. Com isto, percebe-se de forma direta a diferença entre tais conceitos.

Quanto à formação de professores, sobretudo os que são preparados para atuarem na Educação Básica, segundo as determinações da legislação vigente no Brasil, com destaque para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – Lei 9394/96 e do Plano Nacional de Educação – PNE – Lei 13005/14, Ensino e Educação constituem-se como temas genéricos, a partir dos quais mencionam-se algumas especificidades ou delimitações.

Como exemplo, pode-se citar “Ensino de Matemática”, “Ensino da Língua Portuguesa”, “Ensino de História”, dentre outros, ou “Educação Infantil”, “Educação de Jovens e Adultos”, “Educação Musical”, “Educação Física”, etc.

Com isto, pode-se dizer que, a partir de instrumentos de lei e sob ponto de vista teórico, a assimilação dos conceitos de Ensino e de Educação é imprescindível para a formação do ser humano, desde sua infância até a idade adulta. Segundo Comenius (2001), “o homem precisa ser formado para ser homem”, contudo, embora algumas pessoas leiam e apliquem literalmente esta afirmação de Comenius, a mesma deve ser vista como metáfora de uma afirmação adequada à contemporaneidade atual: “o ser humano precisa ser educado para se tornar um cidadão”. Visto assim, percebe-se claramente a importância da Educação, num sentido amplo e o Ensino como parte integrante da Educação.

Outro pormenor a ser comentado, a partir das pesquisas, é o de que Educação não é apenas ter bons modos perante a sociedade, como geralmente se diz, na linguagem coloquial

cotidiana, este conceito vai além de comportamentos externos.

O conceito de Educação, em sua plenitude, vem desde a Antiguidade. No Livro de Provérbios, do Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, fala-se muito a esse respeito. O filósofo grego Sócrates (470 a.C – 399 a.C), notabilizado juntamente com seu discípulo Platão (428 a.C – 348 a.C), tinha uma inquietação como educador: para ele, não bastava proporcionar ao aluno apenas uma boa retórica, mas, como educador, deveria estimulá-lo para a busca pessoal do conhecimento, da verdade, a ter pensamento próprio e escuta interior, ou seja, Sócrates acreditava que, o início do verdadeiro saber estava no autoconhecimento. (GADOTTI, 2003, p. 32).

Sócrates usava método maiêutico, que significa a “arte” do partejar, refletir por si mesmo, ou seja, o objetivo principal como educador era fazer com que o aluno descobrisse a verdade dentro de si, com perguntas retóricas e dialéticas. A ironia fazia parte de sua forma de ensinar. (NICOLA, 2005, p. 53).

Já foi citado no presente trabalho que educação vem do grego educar, que quer dizer induzir, conduzir para fora, neste sentido, pode-se dizer que o método de ensino utilizado por Sócrates é o de que um educador induz o educando, e para que isso aconteça, o educador deve estar completamente educado para que possa educar.

Porém, existe um fator importante, quando se trata de educado para educar, o educador deve despertar no aluno elementos positivos, não apenas externos, mas ele deve educar para a vida, ou seja, a educação total é a realização do homem integral.

Dentro desta perspectiva de educação plena, ser educado, no sentido de um “bom cidadão”, não significa ser uma “pessoa boa”, ou ser abastecido de grande quantidade de conhecimento. Certo indivíduo pode até ter um excelente currículo perante a sociedade, porém ele pode ser moralmente incompleto, ou mal-educado. Neste caso, portanto, não ocorreu a educação plena. Por isso, reitera-se o pormenor de que, para este educador poder instruir, conduzir seus alunos para um caminho de educação plena, ou integral, como também se costuma dizer, ele deve ser primeiramente instruído, para depois poder instruir.

Considerando o tema explorado no presente trabalho, destaca-se que esta referência de se educar para educar é amplamente abordada na Bíblia Sagrada.

Como a pesquisa teve o objetivo de verificar a Contribuição dos Princípios Cristãos na Educação do Homem Adulto, é importante mencionar alguns destes registros nas Escrituras Sagradas, como, por exemplo, os da carta do Apóstolo Paulo aos Romanos: “Tu, pois que ensina a outros, não ensina a ti mesmo? Tu que pregas que não deve furtar, furtas?” (Rm. 2:21).

Este, portanto, deve ser um dos princípios cristãos para aquele que ensina, seja na igreja, escola, em casa, enfim, entendeu-se que este é o padrão que tanto os crentes em Jesus Cristo, quanto os não crentes, deveriam seguir.

Outro ponto importante, nesse contexto, é o de que não apenas o Cristianismo prega tais princípios. Culturas milenares já o faziam, além dos gregos e hebreus, assim como culturas contemporâneas atuais.

Pesquisas em Antropologia mostram que processos sociais de aprendizagem existem desde épocas em que ainda não existiam métodos formais de ensino. Com a investigação dos processos de desenvolvimento humano, e com o auxílio da etnografia pode-se compreender a natureza do ser humano do passado, do presente e, possivelmente do futuro, como cidadão em cada época. Neste sentido, conclui-se que sempre houve e que sempre haverá dúvida sobre a integralidade ou plenitude do indivíduo.

A educação secular atual, por melhor que seja, não consegue atingir o homem para torná-lo um cidadão pleno no suprimento de suas necessidades. Segundo os princípios cristãos, para que isso ocorra deve-se recorrer à palavra daquele que, mesmo sendo Deus, assumiu a identidade humana e mostrou como o ser humano deveria se comportar, em todos os aspectos: Jesus Cristo.

Cristo influenciou sua época e continua a inspirar a humanidade até nos dias de hoje, ultrapassando barreiras religiosas, políticas e sociais. Admirando-o ou reconhecendo-o como o próprio Deus, amando-o ou odiando-o, não se pode negar a relevância e eficácia de seus ensinamentos na vida dos adultos. As multidões se maravilharam com a maneira que ele ensinava. Jesus possuía modelos pedagógicos sem iguais e ensinava com uma linguagem simples, de maneira que todos podiam compreendê-lo, falando continuamente sobre a plena cidadania com foco em sua mensagem central, o Reino de Deus. Como ilustração, registra-se o final de seu sermão mais conhecido, o chamado “Sermão do Monte”: “E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina.” (Mt 7.28).

Jesus, como educador, tratava de princípios, valores e práticas a serem vivenciadas pelos cidadãos do Reino dos Céus, como pode ser visto nos registros do Novo Testamento da Bíblia Sagrada, especialmente nos evangelhos dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João.

Outro ponto importante no presente trabalho é o de que, ao se falar de Jesus como Mestre por excelência, não se salienta nenhuma “Religião Específica”; o que se apela é uma reflexão sobre os métodos e a personalidade de Jesus como docente, lembrando que estas características são efetivamente muito eficazes, ensinou milhares e milhares de pessoas e escolheu doze pessoas para andarem junto a Ele, e desses, Pedro, Tiago e João, foram os

que beberam dos seus ensinamentos de forma mais próxima.

Jesus refletiu e reflete virtudes em seus ensinamentos em qualquer época, pois Ele é a própria verdade. Embora sem tê-lo conhecido durante sua vida humana, como os outros apóstolos, Paulo enxergava Jesus não apenas como um educador ou mestre, mas como o Redentor da humanidade, único fundamento sobre o qual os seres humanos devem construir sua vida, fisicamente, materialmente e espiritualmente. Mackay (1962) apresenta três traços fundamentais da personalidade docente de Jesus que foram considerados neste trabalho.

A primeira é “a sua autoridade moral”. Jesus impressionava quando o assunto era moralidade, o Mestre instruía e imprimia um profundo respeito que prendia a atenção da multidão que o cercava. De acordo com o evangelho de Mateus era “porque lhes ensinava com autoridade e não como os escribas” (Mt 7.29). Estes falavam como juristas que interpretavam velhos códigos; Jesus, como legislador, introduz Leis Novas (MACKAY, 1962, p. 24-25).

Jesus não apelava para nenhuma tradição venerável: não se apoiava em autoridade alguma, nem se quer, como Sócrates raciocinava em torno das ideias que exponha. Ele não fazia senão anunciar, descerrando o véu, verdades eternas, deixando-as fulgurar incandescente nas consciências da multidão. Às vezes, ao falar, paralisava as intenções mesquinhas de seus próprios inimigos”. (MACKAY, 1962, p. 25)

Essa autoridade que Jesus transmitia aos seus ouvintes fazia parte de sua personalidade. Sabe-se que o sucesso de um auditório dependia principalmente da personalidade de quem estava a falar, ou seja, da junção de voz, olhar, gesto e emoção que acompanhavam as palavras do orador. (MACKAY, 1962, p. 26).

Deve-se admitir que concordando ou não com os métodos de Jesus, é inegável que o teor de seus ensinamentos, ainda hoje, 20 séculos depois, causa impacto na vida de muitos homens e mulheres, abrindo caminho de aprendizado não só espiritual, mas para sua vida plena.

Outra marca de Jesus como Mestre é sua perfeita correspondência entre suas ideias e sua vida. “O que ele dizia não era senão a expressão vocal daquilo que Ele era”. E uma única contradição entre suas ideias e o que ele praticava seria suficiente para os críticos destruí-lo. Seria admirado como pensador mais nunca como salvador de almas. (MACKAY, 1962, p. 27)

Jesus se caracterizou por transformar a vida de seus ouvintes mediante a convicção e paixão de suas ideias. Ele mudou o gosto dos homens que o seguiam, e isso se deve à sua vida essencialmente caracterizada por uma paixão redentora que o levou à morte, e morte de cruz. “E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte,

e morte de cruz.” (Fp 2:8)

Sobretudo como educador, formador de opiniões, em certo sentido, Jesus foi um grande revolucionário da história, pois Ele ensinou com autoridade, era exemplo para seus próprios ensinamentos, deu sua vida não em favor de ideias abstratas, mas, concretas, para que nascessem os homens “nascesse novamente.

Especificamente sobre a educação de adultos, há muitas razões pelas quais se deve concentrar nela, como foram as de Jesus. Jesus recebeu e valorizou as crianças, mas escolheu adultos para formá-los como seus discípulos. Se a Igreja de hoje quer ter um impacto como o da igreja primitiva, ela precisa redescobrir esta ênfase. Ênfase em adultos. E em discipulado. (RICHARD, 1980, p. 184).

Em seu ministério, Jesus Cristo acolheu as crianças: “[...] Então disse Jesus: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam [...]” (Mt 19.14). De fato, Cristo tinha prazer em ensiná-las, mas na hora de instruir discípulos ele não esperou que crianças crescessem, preferiu utilizar logo adultos. Desde o início da atividade cristã seu desafio sempre foi ensinar adultos.

As Sagradas Escrituras mostram inúmeros casos desse processo de educação, e por mais inusitado que possa parecer, não se assemelha à educação de adultos praticada hoje. Não existia a sala de aula como a atual, tampouco elaborava-se currículo formal ou estabelecimento de local específico. O método das Escrituras baseia-se num processo de Educação não formal, ou seja, seu método envolve a vida do corpo social de maneira determinada e relevante. (RICHARDS, 1980, p. 184).

Encontra-se uma descrição desse método “não formal” no segundo capítulo do livro de Atos, onde os fundamentos da comunidade encontravam-se nas doutrinas dos Apóstolos, segue:

[...] E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações.
E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos.
E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum.
E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister.
E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração,
Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.
(At 2.42-47).

Embora na Igreja primitiva não houvesse salas de aula, com métodos planejados e professores diplomados, ou outras práticas que lembrem o ensino formal atual, quando se lê o livro de Atos, principalmente seus primeiros capítulos, percebe-se que homens e mulheres aprendem sobre Cristo, e com isso, cresciam rapidamente no discipulado. Em pouco tempo

aqueles que aprendiam sobre Cristo passaram a ser chamados de cristãos, ou “pequenos cristos”, um termo considerado pejorativo. Contudo, a identidade e igualdade com Cristo começou a tornar visível. (RICHARDS, 1980, p. 184).

No primeiro século do Cristianismo, houve uma explosão da anunciação das boas novas de Jesus Cristo. Eram introduzidos pequenos grupos de evangelistas, específicos em culturas pagãs; não apenas zelavam por suas identidades, mas os cristãos exerciam um poder fundamental que movia a sociedade de sua época.

Verifica-se um fato interessante descrito na carta do Apóstolo Paulo aos Efésios, quando ocorreu certo tumulto, causado por alguns fabricantes de estátuas da deusa Diana: Estes fabricantes se juntaram a outros trabalhadores e diziam que o sustento deles vinha das vendas das estátuas, e que um sujeito chamado Paulo, convenceu muita gente que deuses feitos por mãos de homens, não são deuses de verdade. E com esse feito de Paulo, as vendas despencaram. (Atos 19:23-27).

Todavia, observa-se o quanto o Evangelho anunciado por Cristo, e agora, pelos seus discípulos tinha ganhado forças. “O poder transformador do evangelho dinâmico se evidenciava! A grande comissão de Jesus, “ide e fazei discípulos”, estava sendo cumprida.” (RICHARDS, 1980, p .185).

A doutrina pautada pela Bíblia Sagrada é um grande desafio para os cristãos atuais, pois ela motiva a todos a serem bom exemplo, dando “sabor” à vida como o sal aos alimentos, ou seja, ter uma vida irrepreensível, visto que “[...] se o sal se tornar insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para ser pisado pelos homens [...]”. (Mateus 5:13).

Outro ponto importante é o de que os princípios cristãos se tornaram tão importantes e adotados, que não somente a Igreja os evidencia, mas a sociedade toda, associando-os à cultura. “Desafia-nos a rever novamente o ministério educacional da igreja, em termos de fazer adultos a experimentar a transformação do discipulado. ” (RICHARDS, 1980, p.185).

A educação de adultos é uma das tarefas mais importantes da Igreja, pois, como verificou-se na pesquisa deste trabalho, deve focar no essencial, a despeito de, nos dias atuais, muitas igrejas estarem trocando suas escolas bíblicas por entretenimento, grandes *shows* gospel, noite do cinema, da pizza, da balada com direito a jogo de luz fumaça e música eletrônica.

A igreja, porém, deve ser um local onde cada adulto busca ser transformado, e se tornar capaz de lidar com suas adversidades cotidianas. Não obstante, estão dando origem uma geração incapaz de amadurecer e se tornar um “imitador” de Cristo Jesus.

A educação informal apresentada em alguns relatos bíblicos remete a Jesus Cristo, que adaptava seus ensinamentos às circunstâncias do momento, com a sabedoria de um verdadeiro “Mestre” tratando de princípios, valores e práticas.

De fato, desconhece-se especificamente o real motivo de Jesus por ter escolhido apenas adultos para formar, embora, como se disse, Ele estimava as crianças.

[...] E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos: Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; E Judas, irmão de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor. (Lc 6:13-16)

Jesus Cristo é considerado por muitos autores renomados como: “O Mestre dos mestres”, “Um Educador por excelência”, “O maior Educador de toda a história”. Jesus Cristo já foi tema de livros, dissertações, teses de mestrado e doutorado. Sua capacidade de ensinar deixava seus ouvintes encantados, deslumbrados e maravilhados com sua desenvoltura, com a firmeza e autoridade de Mestre irrepreensível.

Jesus criava seus próprios métodos para ensinar, e isso não fazia dele um descuidado com o ensino, muito pelo contrário, Jesus era focado em seus ensinamentos, sempre utilizava parábolas para ilustrar situações da realidade de seus ouvintes, ensinava com autoridade e humildade – um verdadeiro Mestre.

Isto não significava que o Mestre fosse um oportunista habituado a acomodar as suas ideias ao ambiente em que se encontrava. Com sabedoria de um verdadeiro Mestre, Jesus deixava que as circunstâncias determinassem a verdade a transmitir aos seus ouvintes de acordo com a oportunidade. (MACKAY, 1962, p. 42)

Jesus Cristo exerceu seu ministério ensinando principalmente adultos, por isso, desenvolveu um modelo de ensino Andragógico, que apresentou surpreendentes resultados. Como prova disso, é próprio Cristianismo a maior religião do mundo atual. Por isso, entende-se que Jesus não era apenas alguém que proferia conhecimento, ou um simples “ensinante”, nas palavras de Fernandez (2001), mas um verdadeiro Educador.

Cristo ensinava com estratégia docente, e esta técnica pode ser utilizada sem problemas, ainda hoje. Por exemplo, ele ensinava sentado em um monte: “[...] E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo [...]” (Mt 5.1-2). Ensinava nas sinagogas: “[...] E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o Evangelho do Reino. (Mt 9.35). Ensinava nas casas: “Então tendo deixado as turbas, entrou Jesus em casa. Chegando-se a ele seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo.” (Mt 13.36). Ensinava grandes grupos: “[...] reuniu-se ao seu redor uma multidão

tão grande que ele teve que entrar num barco e assentar-se nele, enquanto todo o povo ficou na praia [...].” (Mt 13.2). Ensinava pequenos grupos: “[...] não permitiu que ninguém o acompanhasse, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago [...]” (Mc 5.37).

Outro pormenor interessante é que sua autoridade estava no ensino, na educação, no seu exemplo próprio de tudo isto, sem ser autoritário, prepotente ou arrogante, Jesus era um mestre humilde e diferenciado, ele ensinava individualmente, como no caso da mulher samaritana, que, após um longo diálogo acabou por quebrar vários paradigmas. Outro clássico exemplo é o de Nicodemos um distinguido entre os Judeus, que foi ter a noite com Jesus procurando saber quem era esse "homem" que fazia tanto sinais e maravilhas. (João 3.2).

Seus métodos de ensino variam conforme a necessidade de seu público alvo de momento. Ele falava por meio de parábolas: “[...] Ele lhes ensinava muitas coisas por parábolas, dizendo em seu ensino [...]”. (Mc 4.2).

Jesus ensinava por meio de comparações, utilizando-se de metáforas e parábolas. O Mestre, tinha como metodologia de ensino, fazer analogias, para melhor compreensão e absorção dos seus alunos: “[...] também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo [...]”, “[...] outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas [...]”. “[...] Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes”. (Mt 13. 44-47).

A linguagem figurada, as metáforas, as parábolas se tornaram a estratégia metodológica característica do Mestre de Nazaré. Quem não conhece a parábola do semeador, da ovelha perdida, do filho pródigo, da porta estreita e dos dois caminhos, do bom samaritano, do trigo e do joio? Para além das parábolas, utilizava-se de situações vivas, tais como o flagrante das ofertas dos ricos em face daquela de viúva pobre, ou o passeio pelo meio das searas, ou a proximidade dos grandes muros de Jerusalém com suas gigantescas pedras. (MENDES, Marcel, 2017, p. 3).

Suas ilustrações eram reais, muitas vezes se colocava como exemplo, na pessoa do próprio Deus junto à sua criação, “[...] Como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos [...]”. (Mt 20. 28).

Jesus ensinava de forma “audiovisual”: “[...] quem tem ouvidos para ouvir, ouça [...]”. (Mt 13.9). “[...] ouvistes que foi dito aos antigos [...]”. (Mt 5.21). “[...] , mas a vós, que isto ouvís, digo [...] (Lc 6.27) [...]”. “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? [...]” (Mt 6.26). “[...] eis que eu vos digo: Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa [...]”. (Jo 4. 35). Ensinava por intermédio de desafios, perguntas: “[...] disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou? [...]”. (Mt 15.16); “[...] E por que

vos preocupais com as vestes? [...]” (Mt 6, 28); “[...] por que pensais mal em vossos corações? Pois, qual é mais fácil? Dizer: Perdoados te são os teus pecados; ou dizer: Levanta-te e anda? [...]” (Mt 9 4,5); “[...] por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus [...].” (Mt 19.17); “[...] E por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo? [...]”. (Lc 6.46). Praticava a metacognição: Pelo fato de a oração fazer parte de sua vida, Cristo motivava seus discípulos a pedir como aprender: “[...] Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos [...].” (Lc 11.1).

Jesus participava de atividades sociais, como almoços, mostrando para seus discípulos a maneira como deveriam se comportar:

[...] E fez-lhe Levi um grande banquete em sua casa; e havia ali uma multidão de publicanos e outros que estavam com eles à mesa. E os escribas deles, e os fariseus, murmuravam contra os seus discípulos, dizendo: Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos; Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento[...]. (Lucas 5:29-32).

Num contexto em que mulheres e crianças não foram nem contadas, Jesus ensinou a todos, com sua atitude. “[...] Alguns traziam crianças a Jesus para que ele tocasse nelas, mas os discípulos as repreendiam [...]. Quando Jesus viu isso, ficou indignado e lhes disse: [...] Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas [...]” (Mc 10.13,14). Jesus ensinava com autoridade:

As multidões estavam encantadas, deslumbradas e maravilhadas com a desenvoltura do Mestre, com a firmeza do Mestre, com a autoridade do Mestre: “[...] porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei [...].” (Mt 7:29). Sendo Jesus Cristo revestido de duas naturezas – uma divina e uma humana – podemos dizer que a fonte primária da sua autoridade divina estava no Pai Celeste “[...] porque ele ensinava como quem tem autoridade[...].” (Mc. 28.18). (MENDES, 2017, p.1).

Como descrito, Jesus ensinava com humildade, e autoridade divina, todo seu conhecimento vinha do Pai, o Criador. “[...] Jesus respondeu: "O meu ensino não é de mim mesmo. Vem daquele que me enviou [...].” (Jo 7.16). Seus ensinamentos eram honestos e chamavam a atenção até de seus inimigos. “[...] Mestre, sabemos que és íntegro e que ensinas o caminho de Deus conforme a verdade [...]”. (Mt 22.16).

Mesmo assim, Jesus não ensinava apenas sobre humildade, seu ensino era completo, como se lê no sermão do monte – “Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança.” (Mt 5.5) – mas se apresentava como exemplo: “Aprendam de mim pois sou manso e humilde de coração [...].” (Mc. 11.29); “[...] assim, levantou-se da mesa, tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura. Depois disso, derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos, enxugando-os com a toalha que estava em sua

cintura [...]. ” (Jo 13.4,5).

Ensinava com amor: “[...] todos falavam bem dele, e estavam admirados com as palavras de graça que saíam de seus lábios [...]. ” (Lc 4.22).

O Senhor Jesus não só dominava os conteúdos, não só exercitava com competência didática o ministério do ensino e autenticava as suas lições com o próprio exemplo, como colocava na sua missão o próprio coração, isto é, amava o que fazia, amava os seus interlocutores, envolvia-se por inteiro com o seu ministério. (MENDES, 2017, p.4).

Jesus também mostrou isso quando dialogava com seus aprendizes; tinha um olhar fascinante, tinha uma forma extraordinária de ensinar e seu amor com certeza é um elemento que dá base para sua educação, e para todos; um exemplo supremo que em suas palavras. “[...] todo aquele que pratica e ensina estes mandamentos será chamado de grande no Reino dos Céus [...]. ” (Mt 5.19).

Assim, o presente trabalho traz como resultado uma proposta original sobre o tema Educação de Adultos, à luz da Andragogia, pautada nos princípios cristãos, mediante a conduta exemplar de Jesus Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do observado e apurado no presente trabalho, concluiu-se que seja na escola, na família ou na igreja, a Educação tem um papel fundamental na vida do ser humano adulto. Nesse caso, o modelo e padrão é Jesus, que atuou de forma penetrante e sem artifícios para espalhar as Boas Novas do Reino, a tal ponto que o mundo romano do primeiro século foi impactado fortemente pela mensagem e pela práxis cristã.

O poder transformador do homem é encontrado no centro do próprio evangelho: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”. (Mc 16:15,16).

A crença é a de que essa Boa Nova de Jesus Cristo está sendo pregada até os dias de hoje. E por serem históricos e relevantes, os relatos e ensinamentos bíblicos continuam a constituir, na contemporaneidade, verdadeiros desafios para todos aqueles que querem seguir os passos do maior Mestre, de que se tem conhecimento.

A pesquisa possibilitou afirmar que os princípios cristãos podem sim contribuir para a educação de adultos. Não apenas, em seu estudo secular, como em sua prática diária de vida, pois considerar um homem educado envolve vários fatores.

Qualquer análise centrada em apenas um único elemento, neste caso a educação secular, no sentido ético, se apresentará inevitavelmente incompleta e truncada. A

aprendizagem em sala de aula deve ser mais que a simples assimilação de conteúdos curriculares tradicionais, repetitivos, mas a soma deste conhecimento com a assimilação de princípios e valores que proporcionam no todo a Educação Completa.

A partir dos resultados da pesquisa de campo, apresentou-se uma análise comparativa de adultos que passaram pelo ensinamento secular, com adultos que tiveram também os ensinamentos deixados por Jesus Cristo. O que se percebeu é que a ética e a moral andam juntos com aqueles que realmente assimilaram a mensagem do Mestre Jesus, além do conhecimento dos conteúdos tradicionais, estudados genericamente. Porém, ressalta-se que isto se dá somente com aqueles que verdadeiramente aceitam estes ensinamentos e os praticam. “E aquele que ouve estas minhas palavras e não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia”. Mt 7.26.

A inter-relação do ouvir e praticar, vem entrelaçada com o amor, como se via entre os ouvintes, verdadeiros “alunos” de Jesus. Por isso, entende-se, a partir deste estudo que o professor deve construir esta relação de confiança, respeito e amor pelos seus alunos, para que eles possam ouvir e praticar o que está sendo ensinado. “Jesus respondeu e disse-lhes: Se alguém me ama, guardará minhas palavras...” Jo 14.23.

Jesus não tinha dúvidas de como seus alunos o viam, nem o que eles sentiam em relação ao seu comportamento moral e ético, pois ele sempre deixou claro para seus ouvintes, quem era, e o que pretendia ensinar.

De modo geral, o que a pesquisa significou, foi a possibilidade de unir em um aluno adulto, em processo educacional, o dinamismo de ser educado no sentido ético e também no sentido moral, ou seja, um ser integralmente educado.

Conclui-se assim, que, para a contribuição dos princípios cristãos na formação de adultos, podem-se afirmar que os ensinamentos deixados por Jesus Cristo, registrados na Bíblia Sagrada, oferece significativa contribuição na Educação de adultos.

REFERÊNCIAS

BECK, C. *Alexander Kapp: o primeiro andragogo*. Andragogia Brasil. (2015). Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/alexander-kapp/> - consultado em 22/03/2019.

BELLAN, Zezina S. *Andragogia em Ação*. S.Paulo: SOCEP, 2005.

COMENIUS, I. A. *Didactica Magna (1621 – 1657)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2001.

CURCIO, I. F. in MASINI, E. F. S. *Educação Especial, deficiência múltipla*. Curitiba: Editora CRV. 2017

ECA – *Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90)* – Brasil: 1990.

EI – *Estatuto do Idoso (Lei 10741/03)* – Brasil: 2003.

FERNANDEZ, Alicia. *O saber em jogo: a psicopedagogia possibilitando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Editora ARTMED, 2001.

FONTOURA, Juliana, 2017, revista Educação/como é a educação na Finlândia

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL174474-5602,00.html> visitado em 17/010/2019

KNOWLES, Malcolm S. *Aprendizagem e resultado: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa*. Tradução Sabine. A. Holler. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

LARROYO, Francisco. *História geral da pedagogia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

L.D.B. – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96)* – Brasil: 1996.

NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: Das origens modernas*, São Paulo: Editora Globo, 2005. P, 53

Pazmiño, Robert W. *Temas Fundamentais da Educação Cristã*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008. P

P.N.E. – *Plano Nacional de Educação 2014 – 2024 (Lei 13005/14)* – Brasil: 2014.

PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

SAVIANI, Demerval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. 4. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. (Coleção memória da educação). P

Bíblia Sagrada – *Tradução Almeida, revista e atualizada*. São Paulo: SBB, 1993.

EMAIL:

Aluna: paulaborges3971@gmail.com

Professor: curcio@mackenzie.br